

RESSIGNIFICAR A QUEDA, EMPESTAR O CÂNONE

Luiz Henrique Moreira Soares¹

Redesenhar asas para além dos sonhos de Ícaro, da engenhosidade de Dédalo e das leis “intransponíveis” da natureza. Reforçar a cera das asas, repassar as instruções de voo, cair novamente. Voar requer instrução. Da mesma forma, também é preciso aprender a cair – aprender com a queda, como um dom de estilo.

Em *Segunda Queda*, obra publicada em 2018 pela Editora Kuzuá, a escritora transvestigênera Ave Terrena Alves nos ensina sobre os processos de queda-levante e nos apresenta uma poética que relaciona passado e presente, e cria – com cera, penas e a brutalidade diária do país que mais assassina pessoas trans no mundo – outros projetos imaginativos de abismos e de futuro.

A matéria utilizada pela autora, que tem como plano de fundo as experiências transvestigêneras, a construção e a reivindicação da subjetividade e os desalinhos (anti)democráticos na sociedade brasileira, desdobra em uma linguagem rasteira, um movimento próprio entre a queda e o voo, a ruína e a construção. Ave Terrena Alves trabalha com entranhas, sangue, pus, cimento, caroços, galhos secos, sementes, placenta, fiapos de manga, cascas, cera de velas, unhas encravadas, pragas e pombas: tudo o que é resto – e, sendo resto, é também a evidência de uma ausência naquilo chamado de “todo”.

A tessitura dos poemas de *Segunda Queda*, superfície fina, complexa e impermanente, faz do saber transvestigênera (no dialeto pajubá, por exemplo) e da oralidade uma estética de resignificação, ao passo em que traça as contradições e violências do Brasil contemporâneo: “a mana levando paulada na cabeça/ sangrando bem na frente da rua q vc mora/ e cabeças baixas” (ALVES, 2018, p. 71).

A começar pelo título, o livro de Ave Terrena Alves é uma referência clara ao livro *A queda para o alto*, publicado por Anderson Herzer em 1982: trata-se de uma obra composta por textos autobiográficos e poemas que narram a construção identitária do autor e a experiência autoritária na Fundação para o Bem-Estar do Menor (Febem).

O texto de Herzer (1982) é lido como uma das primeiras obras escritas por pessoas trans no Brasil, ainda que seu processo de edição escancare os modos violentos de articulação da cisgeneridade (MOIRA, 2018, p. 4). A importância da obra de Herzer reside justamente nos sentidos gerados sobre a possibilidade de dizer sobre si, a pavimentação de caminhos para obras cada vez mais conscientes da construção de um imaginário trans, bem como dos desdobramentos políticos e estéticos que os atos de (re)nomeação e criação acarretam.

¹ Mestre e doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Campus de São José do Rio Preto. Membro do Grupo de Pesquisa Gênero e Raça (UNESP). É também bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: luizhsoares83@gmail.com

A obra de Ave Terrena Alves atravessa e contribui com o pavimento desse caminho, construído no momento mesmo em que se anda, se vive: já no prefácio, escrito pela deputada transvestigênera Erika Hilton, a “queda” é potencializada, ressignificada como força de enfrentamento e resistência: “Nossa queda será do degrau do senso comum, que educa para humilhar e matar todos aqueles corpos que eles denominaram ‘minorias’, para o degrau do combate, da resistência, da luta, da construção de novas narrativas em todos os espaços que nos foram usurpados.” (HILTON, 2018, p. 11).

O livro é dividido em duas partes: a primeira, intitulada “A casa é aqui”, é composta por poemas enumerados de 1 a 32; a segunda parte recebe o nome “E vá pro olho da rua traaaaa”, com poemas enumerados de 1 a 25. A proposta dos subtítulos parece intensificar o espectro de impermanência – constituinte da operação de ressignificação e descontinuidade que a obra encena.

A primeira parte inicia com um poema dedicado à própria autora, a *katyta* autora, uma forma-oração que advoga para si mesma, de modo a estabelecer conexões e suplantar a sobrevivência (e a espiritualidade) do corpo que ali se apresenta – no próprio corpo do poema, como no fragmento: “mi permita que te ofereça/ este rito/ que de ti mi veio// mas não sei, mestra/ si mi perdoarás a distância/ entre minhas atuações-poema/ e tuas lições altíssimas”. (ALVES, 2018, p. 16).

Esse primeiro poema estabelece a função de apresentar-se, num aspecto de potência espiritual, à tarefa que se impõe: a criação poética. Ao mesmo tempo, compõe uma busca pela reafirmação de desejos e humanidades outras, um espaço de convocação para uma guerra em curso – uma guerra elaborada em moldes discursivos, de rompimento das ordens hierárquicas de sentido.

Na construção dos poemas seguintes, a autora estabelece a relação intrínseca entre o fazer poético, a construção e a reafirmação de sua identidade transvestigênera: “tenho arte y transtorno/ 1 coração até aqui d literatura/ roupas no varal q não secam// stá frio/ chove muito toda vez/ q paro pra olhar em volta” (ALVES, 2018, p. 18). Com uma escritura que articula o pajubá e a linguagem típica das redes sociais, Ave Terrena Alves estabelece uma poética de crise e corte que deforma e desconstrói perspectivas únicas (cisgêneras) de perceber o mundo. O olhar que se coloca, assim, um dado construído por sentidos, espaços e desejos: “corpo margem/ mais que duas/ tenho fome/ isso basta” (ALVES, 2018, p. 37).

A cotidianidade permeia os poemas de Ave Terrena Alves e revela as operações da busca de outra linguagem, outra gramática que expresse e conforme perspectivas de ver o mundo que não seja a perspectiva cisgênera². Para isso, é preciso torcer as palavras e torcer o olhar, incomodar-se na quebra das palavras, na queda dos sentidos –

² Pesquisadoras e ativistas trans, como Amara Moira (2017), Viviane Vergueiro (2014) e Leila Dumaresq (2014), chamam a atenção para o uso dos termos cisgeneridade/cisgênero/cis. Segundo elas, a nomeação do que “não é trans” (o que não transita, o que é supostamente estático e inquestionável e, logo, não desviante) é uma estratégia discursiva de embate: utilizar o termo significa descentralizar o grupo dominante posto como norma, justamente aquele grupo que sempre definiu e nomeou as experiências trans. Nesse sentido, nomear a cisgeneridade é questioná-la enquanto normalidade compulsória que se esconde na “suposta imobilidade e ausência de um nome”.

e construir deslocamentos: “a gente é presa/ arisca/ q racha o concreto/ bixa q arisca bater/ de frent/ afia o dent/ NAVALHA” (ALVES, 2018, p. 49).

Os poemas de *Segunda Queda* configuram, sobretudo na segunda parte da obra, a reivindicação de uma coletividade, de maneira a caracterizar uma noção de “autoria” ainda mais complexa. O ato de escrita está embutido na resistência ao silenciamento histórico. Assim, se o poema ensina a cair – como declara um verso da poeta portuguesa Luiza Neto Jorge –, Ave Terrena Alves elabora tal lição de abismo a partir de uma linguagem que flagra memórias, violências e epistemologias transvestigêneres em um espaço-tempo constituído historicamente de quedas, que se alimenta das quedas para produzir e reiterar modos de aniquilação de certos corpos – corpos que confrontam o mundo para povoá-lo, para dessacralizar os lugares da linguagem: “ave controversa/ atravessa/ versus antigos” (ALVES, 2018, p. 21).

E se a história das pessoas trans é uma história de exclusão e esquecimento, construída na linguagem médica patologizante, nas notícias policiais e nos boletins de ocorrência, *Segunda Queda* estabelece-se no pavimento de um caminho de reconhecimento e legitimidade ao elaborar outras gramáticas, ao aprofundar outras histórias e outras formas de ver e ler o mundo, ao forjar quedas e desdobramentos – cada vez mais para o alto, de maneira a fincar espaços de escuta entre as vértebras e alimentar uma revoada de presenças incômodas e potentes que empesteam as certezas dos voos seguros.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ave Terrena. *Segunda Queda*. São Paulo: Editora Kazuá, 2018.
- DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. Transliteração, 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. São Paulo: Editora Vozes, 1982.
- HILTON, Erika. “Prefácio”. In: ALVES, Ave Terrena. *Segunda Queda*. São Paulo: Editora Kazuá, 2018, p. 10-11.
- MOIRA, Amara. O cis pelo trans. Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100365&lng=en&tlng=en. Acesso em: 14 jun. 2020.
- MOIRA, Amara. De quando elas e eles contam suas histórias: uma breve genealogia das autobiografias *trans* mostra a potência dessas obras. Suplemento Pernambuco, Recife, n. 145, p. 4-5, 2018. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2053-o-que-nos-dizem-as-autobiografias-trans.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- VERGUEIRO, Viviane; GUZMÁN, Boris Ramírez. Colonialidade e Cis-normatividade: conversando com Viviane Vergueiro. Iberoamérica Social: Revista-red de estudios

sociales, v. 2, n. 3, p. 15-21, 2014. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6624989>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Recebido em: 22/06/2020

Aceito em: 22/06/2020

Referência eletrônica: SOARES, Luiz Henrique Moreira. Resignificar a queda, empestar o cânone. *Criação & Crítica*, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.